

DRAMA COMO UMA POSSIBILIDADE TEATRAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DRAMA AS A THEATER POSSIBILITY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

DRAMA COMO UNA POSIBILIDAD EN EDUCACIÓN INFANTIL

Diego de Medeiros Pereira¹

Resumo

A proposta de pesquisa, de que trata o presente texto, consistiu em uma investigação teórico-prática, em nível de doutorado, acerca da defesa do Drama como um encaminhamento metodológico possível para o trabalho com a linguagem teatral na Educação Infantil. Como base teórica, utilizou-se dos escritos de autores ingleses sobre esse método, assim como estudiosos brasileiros do tema, sobretudo Beatriz Cabral e Flávio Desgranges. Por meio da realização de 9 experimentos com crianças entre 2 e 6 anos, foi possível constatar a proximidade entre a proposta do Drama e as especificidades do trabalho pedagógico desenvolvido nesse segmento de ensino e discutir novas possibilidades de exploração da linguagem teatral com crianças.

Palavras-chaves: Drama, Educação Infantil, Pedagogia do Teatro, Infância.

Abstract

The research proposal, mentioned in this text, consisted in a theoretical and practical research, in a doctoral level, about the defense of Drama being a possible forwarding method on working with the theatrical language in Early Childhood Education. As a theoretical basis, it was used writings of British authors about this method, as well as Brazilians researchers of this matter, especially Beatriz Cabral and Flávio Desgranges. Through 9 experiments with children between 2 and 6 years old, it was possible to realize the connection between the proposal of the Drama and the specificities of the pedagogical work developed in this segment of education and discuss new possibilities of exploring the theatrical language with kids.

Keywords: Drama, Early Childhood Education, Theater Pedagogy, Childhood.

Resumen

La propuesta de investigación, que se ha mencionado en este texto, consistió en una investigación teórica y práctica en nivel de doctorado, sobre la defensa del Drama como un posible camino metodológico para trabajar con el lenguaje teatral en la Educación Infantil. Como base teórica, hemos utilizado los escritos de autores ingleses sobre este método, así como estudiosos brasileños del tema, especialmente Beatriz Cabral y Flávio Desgranges. A través de la realización de 9 experimentos con niños de entre 2 e 6 años de edad, fue posible notar la conexión entre la propuesta del Drama y las características específicas del trabajo pedagógico desarrollado en este segmento de la educación y discutir nuevas posibilidades para la exploración del lenguaje teatral con niños.

Palabras Clave: Drama, Educación Infantil, Pedagogía del Teatro, Infancia.

1 Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutorando. Pesquisa concluída em 2014 (defesa em 2015). Área: Pedagogia do Teatro. Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Cabral. Bolsa CAPES. Professor colaborador do curso de Licenciatura em Teatro da UDESC. Ator-dançarino.

A ideia da pesquisa

Para que uma criança se aproprie de um conhecimento, de uma manifestação artística, prática social ou cultural é necessária uma mediação. Tal ação mediadora pode se configurar como auxílio dado por um adulto ou um parceiro mais experiente, como aponta Vygotsky², na realização de uma atividade ou mesmo na descoberta de novos saberes através de informações retiradas de um livro ou de outro meio de comunicação que, nesse caso, tornam-se objetos mediadores.

Com a linguagem teatral não é diferente. Para que a criança perceba que as brincadeiras de faz de conta realizadas no seu cotidiano podem, aos poucos, transformarem-se em uma linguagem ou manifestação artística que possui regras e convenções, e cujo nome é Teatro, é necessária a intervenção de um adulto consciente tanto dos processos pelos quais a criança desenvolve naturalmente sua capacidade imaginativa, quanto das possibilidades de inserir a linguagem do teatro no cotidiano dessa criança, ao mesmo tempo atividade artística e experiência estética.

Na busca por um caminho metodológico que pudesse contribuir para a inserção do teatro na Educação Infantil, assim como auxiliar o profissional que trabalha diretamente com a criança a promover uma aprendizagem sobre essa arte de forma condizente com as especificidades da infância, encontrei no Drama uma estrutura de trabalho que se assemelha com as propostas pedagógicas da Educação Infantil.

O Drama é um fazer teatral originado nos países anglo-saxões a partir dos trabalhos da professora e atriz Dorothy Heathcote e difundido no Brasil pela professora e pesquisadora Beatriz Cabral. No final dos anos de 1970, ele passou a ser reconhecido como uma forma de arte e praticado em países como Austrália, Inglaterra, Canadá, alguns países do norte europeu e nos Estados Unidos, como pontua O'Toole (1992, p.4). E, no Brasil, sua difusão inicia-se nos anos de 1990, por meio dos trabalhos de Cabral.

Partindo do pressuposto de que este método não impõe uma metodologia fechada, mas propõe um modelo adaptável ao contexto em que será desenvolvido, além de preocupar-se com a participação efetiva e afetiva do grupo, propus a um grupo de profissionais da Educação Infantil com o qual trabalho³ a realização de 09

2 Várias obras desse autor identificam o conceito de mediação como categoria de análise. Destaque para: *A formação social da mente* (1999) e *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores* (1995).

3 Há quatro anos desenvolvo uma formação de professores da Educação Infantil para o trabalho com a linguagem teatral. Dessa formação surgiu o grupo *Trupe da Alegria* o qual tem atuado na criação de espetáculos para crianças, apresentados em creches do município de Florianópolis.

processos de Drama (03 desses com crianças de 02 a 03 anos, 03 com crianças de 04 a 05, e 03 com crianças de 06 anos). Os profissionais desenvolveram os processos em suas unidades mediante minha orientação e auxílio na escolha de materiais e estratégias de trabalho para cada faixa etária. Neste texto, apresentarei as convenções do Drama selecionadas para a realização desses processos que compuseram minha pesquisa de doutorado. Tratarei de expor as descobertas realizadas acerca das proximidades do Drama com as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos profissionais da Educação Infantil.

O Drama como método

Essencialmente o Drama é um fazer teatral no qual os participantes emergem em uma situação ficcional, sugerida pelo condutor do processo, e agem **como se** fossem outras pessoas (ou outros seres ficcionais), construindo uma narrativa a partir dos estímulos postos para serem explorados (textos, imagens, desafios, mistérios, conflitos, entre outros).

Ao tratar do Drama, Cabral explicita:

[...] a atividade dramática está centrada na interação com contexto e circunstâncias diversas, em que os participantes assumem papéis e vivem personagens como se fizessem parte daquele contexto naquelas circunstâncias. Para o participante isto significa 'assumir o controle da situação', ser o responsável pelos fatos ocorridos. Envolvimento emocional e responsabilidade pelo desenvolvimento da atividade são características essenciais do Drama – o aluno é o autor de sua criação. (CABRAL, 2006, p. 33)

A criação de situações ficcionais é uma ação facilmente realizada pelas crianças, seus jogos infantis imaginativos (ou jogos de faz de conta) são nomeados, por Slade (1978), de jogos dramáticos infantis. Essa ação natural das crianças é apontada por Bowel e Heap como a base para a estruturação de um processo de Drama: “a inata predisposição das crianças para aprenderem através do jogo dramático” (2013, p. 08). A partir dessa predisposição ao jogo, o condutor de um processo de Drama poderá incentivar as crianças a desenvolverem novas experiências dramáticas.

Enquanto o jogo de faz de conta é uma atividade naturalmente desenvolvida pela criança, o Drama, como método de trabalho pedagógico e prática teatral, busca apropriar-se desse espaço ficcional para a construção de conhecimento mediante a inserção dos participantes em situações dramáticas – agindo **como se** estivessem realmente em tais situações, fazendo com que os participantes lidem e experimentem

questões do mundo real por meio da ficção e sejam conduzidos a refletirem sobre a experiência realizada.

Os projetos de Drama podem ter os mais diversos objetivos, desde a investigação, criação e recriação de questões e temas que transitam pelos conteúdos curriculares, através de um procedimento experimental, até a apropriação de estruturas da linguagem do teatro. Pode-se desenvolver um processo de Drama direcionado tanto à montagem de um texto teatral, através da apropriação e recriação desse texto, quanto à construção coletiva de uma narrativa dramática original. *Bowell e Heap (2013, p.1)* afirmam que “[...] todas essas formas de experiência dramática compartilham os mesmos elementos comuns ao teatro: foco, metáfora, tensão, símbolo, contraste, papéis, tempo, espaço [...]” e, por isso, o Drama pode ser considerado como um método para o ensino do Teatro.

Independente de qual seja o objetivo da instauração de um processo de Drama, é importante frisar que a essência desse trabalho encontra-se no ato do participante experimentar estar em **outro tempo e espaço**, vivenciando diferentes papéis dentro do contexto ficcional criado. Nesse sentido, Drama e Teatro possuem a mesma essência: a experiência dramática de fazer de conta. Assim como o Teatro, o Drama é uma arte dramática, ainda que não seja uma arte voltada à comunicação com uma plateia externa ao processo, como ocorre no Teatro convencional.

Primeira Convenção: Contexto Ficcional

Para que a proposição de um processo de Drama gere um engajamento dos participantes e auxilie na construção de conhecimentos significativos sobre o tema selecionado para se trabalhar, é importante observar o contexto do grupo, “[...] suas idades, gêneros, experiências, a situação social da saúde do grupo, a cultura, o caráter da escola, o espaço onde o Drama está acontecendo, as demandas curriculares e assim por diante” (*BOWELL; HEAP, 2013, p.23*) e perceber como o grupo se relaciona com o tema. O Drama não está interessado em representar uma história ou reproduzir estereótipos sobre determinado tema ou situação, ao contrário, ele busca a imersão dos participantes na experimentação dramática de uma situação que dialogue com a realidade e amplie a percepção das questões contidas no real.

Partimos, portanto, nesses experimentos desenvolvidos com a Educação Infantil, da observação do contexto real dos participantes para encontrar focos de interesse que pudessem gerar a criação dos contextos dramáticos, assim como fazem os profis-

sionais da Educação Infantil, que encaminham seu trabalho mediante temas geradores que surgem do interesse das crianças. Neste sentido, tornou-se evidente que cada processo de Drama é estruturado de forma diferenciada para cada grupo, uma vez que tem como ponto de partida os interesses e necessidades do grupo.

Os temas selecionados para cada processo foram os seguintes:

Com as crianças de 02 a 03 anos

1 – a natureza e o ser humano (os animais foram usados como metáfora para que as crianças percebessem seu crescimento e desenvolvimento);

2 – cuidado com o outro (um boneco foi criado para trabalhar o cuidado consigo e com o outro);

3 – criação de histórias (um baú usado como estímulo à criação de histórias e desenvolvimento da oralidade).

Com as crianças de 04 a 05 anos

1 – a vida dos piratas (como forma de explorar o imaginário das crianças e ampliar situações de faz de conta);

2 – cultura açoriana (a figura da bruxa e os animais do Boi de Mamão⁴ foram usados para ampliar o repertório das crianças acerca de experimentações dramáticas e manifestações da cultura local);

3 – brinquedos de diferentes culturas (usados para explorar o conhecimento sobre distintas realidades sociais e o cuidado com os brinquedos).

Com as crianças de 06 anos

1 – formas de comunicação escrita e falada (as crianças viajaram, no universo do faz de conta, a diferentes países para conhecerem sua língua e cultura);

2 – o mundo das cobras (surgiu do interesse das crianças pelas cobras, como personagens elas viajaram a diferentes países);

3 – morte (através de uma festa com caveiras mexicanas, as crianças exploraram o tema da morte).

Pelos temas apresentados, pode-se perceber que cada processo caminhou para direções distintas de acordo com as faixas etárias, com as maneiras nas quais as crianças se apropriavam das dimensões teatrais trabalhadas, além das necessidades de aprendizagem próprias a cada grupo de trabalho.

4 Manifestação popular de origem açoriana, difundida especialmente na região litorânea de Santa Catarina, semelhante a outras manifestações brasileiras como o Boi Bumbá nordestino, por exemplo.

Escolhido o tema, partimos para a delimitação da situação imaginária na qual ocorreriam as explorações dramáticas. Em qual tempo e espaço a situação dramática será experimentada? Vamos viajar a outros continentes? Conhecer a Lua? Vamos para o futuro ou o passado? Estamos no presente, mas fomos convidados para caçar um tesouro? Encontrar alguém desaparecido? Desvendar um mistério? Para causar um maior engajamento dos participantes e uma consequente imersão no contexto fictício, o Drama propõe que se crie uma situação imaginária que tenha ressonância no contexto real dos participantes, gerando um impacto inicial que motive o envolvimento com tal situação.

Ao criar esse contexto de ficção, o professor poderá ampliar a percepção dos participantes sobre a linguagem teatral, a qual se desenvolve na fusão entre real e ficcional, dentro de tempo e espaço próprios à sua realização. Todas as atividades desenvolvidas nesse tempo e espaço criados serão realizadas **como se** os participantes pertencessem a esse contexto ficcional.

A instalação de um contexto ficcional necessita de um material que impulse a construção coletiva de uma narrativa dramática. A essa referência utilizada como base para as situações a serem propostas e exploradas através do Drama, dá-se o nome de **pré-texto**.

Segunda Convenção: Pré-texto

O termo pré-texto foi proposto por Cecily O'Neill e se refere "[...] a fonte ou impulso para o processo de Drama [...] a razão para o trabalho [...] um texto que existe antes do evento" (O'NEILL, 1995, p. XV). Ainda segundo O'Neill (1995, p. 33), "[...] o melhor conselho é considerar os tipos de pré-textos que geraram poderosa ação dramática ao longo da história do teatro". A autora indica a utilização de mitos, lendas, contos populares como pré-textos por conta de sua estrutura dramática, sugestão de papéis, relações e tensões que podem facilitar a manutenção do processo.

O pré-texto, explicita Desgranges, "[...] delimita o processo e impede que o coordenador se afaste do foco de investigação ou proponha exercícios que nada acrescentem à narrativa" (2006, p. 126). Trata-se de uma referência (textual, histórica, visual, musical, entre outras) que serve de apoio para o desenvolvimento do processo; uma fonte a qual se pode recorrer para que não se perca a coerência dramática e da qual se pode retirar ideias e sugestões para novas situações e papéis a serem propostos aos participantes.

Os pré-textos usados nos processos desenvolvidos na pesquisa foram:

Com as crianças de 02 a 03 anos

1 – *O Corvo de Pearblossom*, de Aldous Huxley e Beatrice Alemagna, e *A gralha azul*, de Luciana Garcia;

2 – *Pinóquio*, de Carlo Collodi;

3 – *Marieta quer falar*, de Ducarmo Paes.

Com as crianças de 04 a 05 anos

1 – *O tesouro do pirata Pão Duro*, de Atílio Bari;

2 – Boi de mamão – manifestação cultural catarinense de origem açoriana;

3 – Imagens de crianças de vários países, seus brinquedos e suas histórias de vida.

Com as crianças de 06 anos

1 – A História da escrita;

2 – *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, fatos e personagens relacionados a cobras (deuses egípcios, Cleópatra, encantadores de cobras indianos, cobras brasileiras, entre outros);

3 – Objetos de diferentes culturas (caveira mexicana, flautas andinas, imagens de manifestações culturais brasileiras).

Os pré-textos podem ser os materiais que o professor esteja trabalhando com suas crianças dentro de um determinado projeto, mas que, no caso de sua apropriação em um processo de Drama, servirão para dar concretude ao contexto ficcional. Diferente de um conhecimento que seja meramente repassado pelo professor, no Drama a criança terá a oportunidade de se apropriar de determinado tema ou conteúdo mediante a experimentação dramática das situações geradas a partir desse, construindo conhecimentos sobre teatro de forma articulada às demais questões e conteúdos que permeiam seu universo educacional. Forma e conteúdo alimentam-se reciprocamente e as diversas áreas do saber podem ser articuladas de maneira a promover um conhecimento mais global (e interdisciplinar) sobre os temas explorados.

Terceira Convenção: Episódios

Como afirma Desgranges “não se pode pensar em Drama sem pensar em processo” (2006, p. 125). O Drama se desenvolve a partir de um acúmulo de experimentações diferenciadas, do enfrentamento de situações que levam a descobertas e a novos desafios em torno de um tema, compondo uma narrativa.

Nesse sentido, a construção da narrativa, pelos participantes, está estruturada a partir da ideia de processo. O professor ou condutor do processo cria o contexto ficcional, a partir de um pré-texto, e utiliza-se de diferentes estratégias para levar o grupo a vivenciar situações dramáticas e improvisar **como se** os participantes estivessem em tais situações, sendo eles próprios ou experimentando papéis. As proposições seguintes dependerão, em grande parte, das respostas dos sujeitos às atividades realizadas. O condutor apropriar-se-á das vozes dos sujeitos, de suas ações e opiniões, para lançar uma outra proposição, reforçando a tensão dramática, quando necessário, estabelecendo parcerias e confrontos entre os participantes ou com os materiais apresentados.

Este formato em processo parece também dialogar com as propostas de trabalho da Educação Infantil. Diferentemente de propostas tradicionais de trabalho com a linguagem teatral, em geral pautadas na montagem de espetáculos, o Drama propõe a experimentação contínua, a investigação dramática, a exploração do material colocado à disposição das crianças.

Cada nova proposição, situação criada ou atividade realizada, é considerada um episódio do Drama. Podemos pensar os episódios como unidades cênicas que compõem o processo. Observando as palavras de Desgranges, “[...] os episódios são os fragmentos e/ou eventos que compõem a estrutura narrativa. O processo desenvolve-se através de episódios que vão pouco a pouco construindo a narrativa teatral” (2006, p. 126). Nesse sentido, os membros do grupo experimentam as propostas à medida que as constroem com a sua intervenção.

A inserção de um novo elemento ou nova situação (tarefa, desafio, atividade) é um novo episódio do Drama. A duração do episódio vai depender da proposta realizada. Se o professor tem como objetivo desenvolver um processo de Drama em uma sessão (um encontro) ele pode dividir esse processo em cinco ou seis episódios ao longo desse período.

Nos nossos experimentos optamos por considerar cada sessão (realizada a cada 15 dias) como um novo episódio do Drama, pois ainda que cada episódio fosse composto por diferentes atividades (ou etapas) essas eram conectadas a um mesmo foco de investigação ou experimentação, ou seja, pertenciam a uma mesma unidade cênica. Todas as etapas contribuíam com o aprofundamento de uma mesma questão investigada num mesmo episódio, cabendo ao condutor escolher as estratégias que

levassem as crianças a perceberem a questão sobre ângulos distintos. Uma nova questão ou um novo problema originava um novo episódio.

Quarta Convenção: Vivência de Papéis

Qualquer pessoa que observa uma criança brincando percebe o quanto essa ação é povoada por diversos papéis ficcionais. Tais papéis podem se originar de situações e experiências vivenciadas pela criança, de suas relações familiares, podem representar pessoas do seu cotidiano ou se tratar da imitação de personagens de programas de televisão, filmes, histórias, entre outros.

É comum encontrá-las fingindo ser a mãe, o pai, a professora, o super-herói ou o motorista do ônibus. Essa é uma atividade natural para as crianças, ainda que muitas delas desconheçam que essa é também uma característica da linguagem teatral. O professor pode ser a figura que promoverá esse aprendizado sobre o teatro. Aproveitando-se da capacidade das crianças de criar papéis, ele poderá, dentro de um processo de Drama, incentivá-las a assumir e jogar coletivamente a partir de distintos papéis, de acordo com as situações criadas no processo, trabalhando, dessa forma, o conceito teatral de representação.

Pasqualini aponta que:

[...] os jogos de papéis surgem como um modo peculiar de penetração na esfera da vida e relações adultas interditas para as crianças, determinando o delineamento de um novo período no desenvolvimento infantil, que recebeu, na psicologia infantil, o nome de período do desenvolvimento pré-escolar. (PASQUALINI, 2009, p. 33).

O jogo de papéis, portanto, é uma atividade típica do período de desenvolvimento infantil com o qual a pesquisa lidou e essa ação aproxima-se essencialmente da linguagem teatral ao permitir que a criança crie situações imaginárias e finja ser outra pessoa, imitando ações ou reconstruindo-as de acordo com seu interesse. Resta ao professor aproveitar essa habilidade de **fazer de conta que é outro** e utilizá-la como uma estratégia dentro do processo que estiver construindo.

No Drama essa vivência é um elemento essencial para que o participante imerja no ambiente ficcional. A vivência de papéis é realizada tanto pelos participantes quanto pelo professor (como professor-personagem) que conduz o processo. Ao vestirem um papel, professor e criança assumem responsabilidades perante a experiência dramática e percebem o quanto suas ações tem influência significativa na continuidade dos

acontecimentos. Ao se colocarem em papéis as crianças tem a possibilidade de vivenciar os fatos ou situações ficcionais criadas pelo professor a partir do contexto real.

Os papéis explorados em cada processo foram os seguintes:

Pelas crianças de 02 a 03 anos

- 1 – pássaros;
- 2 – bonecos;
- 3 – músicos.

Pelas crianças de 04 a 05 anos

- 1 – piratas;
- 2 – detetives, animais e personagens do Boi de Mamão;
- 3 – fabricantes de brinquedos.

Pelas crianças de 06 anos

- 1 – viajantes do tempo;
- 2 – cobras, encantadores de cobras, deuses egípcios;
- 3 – detetives.

A vivência de papéis é um excelente momento de improvisação, no qual os participantes agem e reagem **como se** fossem outras pessoas e **como se** estivessem num outro tempo e espaço criados. A partir dessa imersão o professor pode estimular os participantes a estabelecerem analogias entre a ficção e o mundo real e aprenderem sobre esse procedimento de **experimental ser outro**, uma das principais convenções teatrais, tradicionalmente falando.

Os melhores momentos para a construção do espaço de fruição dentro do Drama na Educação Infantil são, geralmente, quando o professor traz um papel ou um personagem para interagir com as crianças. Essa estratégia permite que a criança lide tanto com a apreciação teatral quanto com a convenção da ficcionalidade, principalmente quando é o seu professor que está representando um papel. Após alguns momentos, em que as crianças dizem que é o professor que está vestido, elas embarcam na situação ficcional proposta e compartilham dessa aceitando o papel ou personagem proposto pelo professor.

Ao vestir este papel e utilizar a linguagem teatral como uma forma de comunicação com a criança, o professor contribui com a construção dessa condição do fazer teatral – a relação entre criação e fruição. Ao tomarem o professor como referência, as crianças poderão ser desafiadas a experimentarem também papéis mais elaborados, utilizando-se de figurinos, objetos, explorando diferentes modos de usar a voz e o corpo.

Observamos que as crianças mais novas, entre 02 e 03 anos, ainda não criavam papéis de forma consciente em suas brincadeiras e nas propostas dramáticas realizadas. Com essas crianças, optamos por ampliar a questão da imitação (de ações, sons, movimentos) a partir de materiais (tecidos, máscaras, maquiagens, acessórios, instrumentos musicais) e, dessa forma, trabalhamos uma representação rudimentar apoiada na imitação e percebemos a apropriação, por parte das crianças, das ações sugeridas pelo professor.

Reflexões Finais

No âmbito da Educação Infantil, por meio da nossa experiência direta com as crianças, algumas questões da linguagem teatral pareceram ganhar maior amplitude, uma vez que dialogavam com o desenvolvimento da criança.

A dificuldade em distinguir o limite entre real e ficcional é uma questão que fica evidente em processos com crianças menores. Até que ponto as crianças mais novas acreditam que o acontecimento teatral é uma ficção construída e não a realidade? Muitas choram, outras têm medo, justamente porque a compreensão desse espaço ficcional ainda não está totalmente construída. Quando as crianças brincam, elas sabem que é uma ficção; porém, mesmo assim, acreditam, interagem e participam de forma autêntica da brincadeira.

Esse espaço ficcional, tão próprio das brincadeiras de faz de conta infantis, pode ser ampliado por meio da instauração de um processo de Drama. Cabe ao professor, como mediador do processo de assimilação da linguagem teatral, criar esse espaço ficcional. Ao apropriar-se da brincadeira, o condutor de um processo pode criar situações e desafios, utilizar-se de materiais textuais, de objetos e questões que despertem o interesse das crianças a desenvolverem uma experimentação, alimentando, dessa maneira, o universo lúdico de suas crianças.

Ao criar contextos ficcionais o professor poderá incentivar a vivência de papéis, a exploração da corporeidade e oralidade das crianças, a improvisação de situações, a fruição – mediante apreciação da criação dos colegas e dos personagens experimentados pelo professor, possibilitando a construção de conhecimentos sobre a linguagem teatral por meio de uma exploração dramática e não pelo viés da construção, em geral descontextualizada, de um produto artístico.

Por conta desse formato experimental do Drama e das questões a ele relacionadas: o contexto dos participantes, a exploração da ficcionalidade, a experimentação

de papéis, a apreciação artística sem separação entre quem faz e quem assiste, penso ser ele um encaminhamento metodológico possível de ser trabalhado na Educação Infantil por dialogar com as particularidades desse segmento de ensino.

Bibliografia

BOWELL, Pamela; HEAP, Brian S. **Planning Process Drama**: enriching teaching and learning. Londres: Routledge Taylkor & Francis Group, 2013.

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2006.

O'NEILL, Cecily. **Drama Worlds**: a framework for process drama. Portsmouth, Heinemann, 1995.

O'TOOLE, John. **The Process of Drama**: negotiating art and meaning. Londres: Routledge, 1992.

PASQUALINI, Juliana C. A perspectiva histórico-dialética do desenvolvimento infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol.14, no.1, 2009.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.